

ENTREVISTA COM RICARDO GALVÃO

O professor Ricardo Magnus Osorio Galvão formou-se em Engenharia de Telecomunicações pela Universidade Federal Fluminense, fez mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas, doutorado em Física de Plasmas Aplicada pelo *Massachusetts Institute of Technology* e Livre Docência em Física Experimental pela Universidade de São Paulo. Durante o início do governo atual, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, sob sua direção, sofreu diversos ataques que tinham como sustentáculos mentiras e a negação dos dados colhidos e apresentados pelo Instituto. Dessa forma, os noticiários nacionais publicaram diariamente um exemplo bastante nítido de como um tipo de negacionismo pode ser instrumentalizado pelo governo para fins obscuros. A tentativa de lutar contra esses ataques, que afetam a todas as Universidades Públicas e demais Instituições de Pesquisa, pode se fortalecer se houver diálogo maior entre as ciências humanas e exatas.

Professor, agradecemos muito a sua disponibilidade em nos conceder esta entrevista. Ficamos muito gratos pelo seu aceite. Também queremos lhe parabenizar por ser o primeiro dos dez nomes de destaque escolhidos pela revista *Nature*. O nosso dossiê propõe um debate entre temas que tratam sobre os negacionismos atuais. Formas de revisar o passado já são conhecidas dos historiadores. Existem também as mentiras que se constroem sobre o passado com o fim de, por exemplo, legitimar governos. Mas o problema agora é que parte de nossa história tem sido negada em absoluto e de forma capilarizada na sociedade. Exemplo disso é a negação de parte ou de toda a ditadura civil-militar ou da escravidão – entre outros fatos que até então eram negados de forma circunscrita a determinados grupos. No entanto, está claro que outros conhecimentos científicos também enfrentam este problema. O caso mais emblemático é a negação, sem critério

científico algum, dos dados que provam o avanço do desmatamento na Amazônia apresentados pelo Inpe – uma das nossas Instituições com reconhecimento internacional.

Hydra: Atualmente, qual a importância do Inpe para o país?

O INPE foi criado no início da década de 1960 com o objetivo de inserir o país na pesquisa e aplicações da ciência e tecnologia espacial. Em seus cinquenta e oito anos de existência, tem cumprido de forma exemplar sua missão. Em primeiro lugar, foi a instituição pioneira e motivadora do desenvolvimento da moderna meteorologia no país, utilizando dados de satélites. Nem todo cidadão se dá conta, mas quando procura informações sobre previsão do tempo, está utilizando os serviços providos pelo Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos, CPTEC, que as fornece aos órgãos de divulgação. De forma também pioneira, desde 1988 o INPE utiliza dados de satélites para o monitoramento do desmatamento da Amazônia, sendo responsável pelos dados oficiais do Governo Brasileiro. Esse serviço foi posteriormente ampliado para todos os nossos outros biomas, para o fornecimento de informação sobre queimadas em todo o território nacional e para quantificação da emissão de gases do efeito estufa, informação esta importantíssima para a questão do aquecimento global. O INPE é também responsável pela execução da parte civil do Programa Espacial Brasileiro, sendo encarregado desenvolvimento de satélites. Já desenvolveu cerca de dez satélites e domina totalmente o conhecimento e a tecnologia para desenvolver satélites que não sejam geoestacionários. Finalmente o INPE é uma das instituições de ponta do país na pesquisa científica do espaço, desde a ionosfera até o espaço profundo. É uma instituição de grande respeitabilidade internacional, com grande número de destacados cientistas.

Hydra: O senhor atribui a negação dos dados do desmatamento, pelo Governo, por algum motivo específico?

O Presidente Bolsonaro e parte de sua equipe, em particular o Chanceler Ernesto Araújo e o Ministro Ricardo Salles, têm, desde a campanha de 2018, manifestado claramente descrédito no fenômeno do aquecimento global e defendido a visão de que as políticas de preservação ambiental, em particular da Amazônia, são contrárias ao desenvolvimento econômico do país, colocando obstáculos à exploração da região pelo capitalismo “empreendedor” (eu diria “predador”). Acrescente-se a isso a “teoria conspiracionista” de alguns militares de sua equipe, em particular o General Heleno, de que a defesa da preservação da Amazônia é apenas um artifício artiloso de alguns países para questionar nossa soberania sobre a região, devido ao interesse de explorar suas riquezas. Finalmente temos que considerar que o Presidente Bolsonaro recebeu apoio total de madeireiros, mineradores e grileiros da Amazônia na eleição de 2018. Portanto, não há somente um, mas vários motivos para ele ter reagido de forma tão tosca aos dados que o desagradaram.

Hydra: O negacionismo, tal como o encontramos atualmente, precisará ser muito bem refutado pela comunidade científica. Ciências humanas ou exatas precisam se comunicar melhor e mais com a sociedade. Um diálogo mais profundo entre essas ciências poderia trazer resultados positivos em alcançar um público maior?

Certamente a comunidade científica, como um todo, tem que ser bem mais assertiva na interação com a sociedade, mas não somente na divulgação e esclarecimento da relevância dos avanços científicos, e sim também na cobrança de compromissos claros dos políticos em quem vota. Por exemplo, na questão do “terra-planismo”, caberia o Ministério da

Educação fazer um esclarecimento aberto e objetivo ao público, demonstrando sua impropriedade.

Hydra: Mesmo que a internet e as redes sociais sejam mobilizadas para o diálogo com um público maior, ainda há o desafio principal que é fazer esse público passar a questionar e identificar o negacionismo. Como se pode criar esse diálogo?

Apresentando exemplos do dia-a-dia que afetam o público diretamente e que destroem argumentos negacionistas. Por exemplo, para aqueles que acreditam nos argumentos de Olavo de Carvalho contestando a teoria da relatividade de Einstein, podemos dar como exemplo o GPS. Sem as correções relativísticas da diferença de tempo entre os relógios no satélite e na Terra, o erro no GPS seria da ordem de 10km por dia! Nem sempre é fácil encontrar exemplos como esse. Mas devemos fazer um esforço para os encontrar e evitar a linguagem tosca e agressiva muitas vezes utilizada nas redes sociais.

Hydra: As Universidades e as demais instituições científicas precisam de autonomia e liberdade para gerarem os seus conhecimentos. Na última semana do ano, o Governo concretizou de forma mais dura seu ataque às universidades com a MP 914/19. Estamos aos poucos perdendo nossa autonomia e liberdade?

É claro que devemos estar sempre abertos a aprimorar os mecanismos de escolha dos dirigentes universitários, até mesmo discutindo propostas do Governo. Mas isso tem que ser sempre feito respeitando a autonomia universitária prevista na Constituição Federal e pelo diálogo construtivo, e não através de medidas provisórias autoritárias. Espero que o Congresso seja consciente e derrube esta MP o mais rápido possível.